

O Guardador de Rebanhos
**Alberto Caeiro (heterônimo
de Fernando Pessoa)**

(Fonte:

<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/guardador.htm>)

I - Eu Nunca Guardei Rebanhos

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.

Só tenho pena de saber que
eles são contentes, Porque,
se o não soubesse,
Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove
mais.

Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado
por toda a encosta A ser
muita cousa feliz ao
mesmo tempo),

É só porque sinto o que
escrevo ao pôr do sol, Ou
quando uma nuvem passa a
mão por cima da luz E corre
um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos
ou pelos atalhos, Escrevo versos
num papel que está no meu

pensamento, Sinto um cajado nas
mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo
as minhas idéias, Ou olhando para as
minhas idéias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não
compreende o que se diz E quer fingir
que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me vêem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque,
cansados de brincar, E
limpavam o suor da testa
quente
Com a manga do bibe riscado.

II - O Meu Olhar

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de, vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que
ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,

E a única inocência não pensar...

III - Ao Entardecer

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há
campos em frente, Leio até
me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dele!
Ele era um camponês Que
andava preso em liberdade
pela cidade.

Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas cousas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela
estrada por onde vai andando E
anda a reparar nas flores que há
pelos campos ...

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como
quem anda no campo E triste
como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros...

IV - Esta Tarde a Trovoada Caiu

Esta tarde a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo
Como um pedregulho enorme...
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chovia do céu
E enegreceu os caminhos ...

Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê — eu não tinha medo —
pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém...

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida
Tranqüilamente, como o muro do quintal;
Tendo idéias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor...

Sentia-me alguém que nossa
acreditar em Santa Bárbara... Ah,
poder crer em Santa Bárbara!

(Quem crê que há Santa Bárbara,

Julgará que ela é gente e visível
Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara?... Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia
Construir santos nem anjos...
Poderia julgar que o sol
É Deus, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós ...
Ali, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz...
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o
dia a trovoada ameaça E nem
sequer de noite chega.

V - Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada

Há metafísica bastante em
não pensar em nada. O que
penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as
causas e os efeitos? Que
tenho eu meditado sobre
Deus e a alma E sobre a
criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar
nisso é fechar os olhos E
não pensar. É correr as
cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá
o que é mistério! O único
mistério é haver quem pense
no mistério. Quem está ao
sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os
pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas

árvores?

A de serem verdes e copadas e de terem ramos

E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar, A nós, que não sabemos dar por elas.

Mas que melhor metafísica que a delas, Que é a de não saber para que vivem Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das cousas"...

"Sentido íntimo do Universo"...

Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.

É incrível que se possa pensar em cousas dessas.

É como pensar em razões e fins Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas É acrescentado, como pensar na saúde Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas É elas não terem sentido íntimo nenhum. Não acredito em Deus porque nunca o vi. Se ele quisesse que eu acreditasse nele, Sem dúvida que viria falar comigo

E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é
olhar para as cousas, Não
compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas
ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma
missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos
ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e
luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e
montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que
Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver,
espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores
e árvores e montes, E amo-o
sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI - Pensar em Deus

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos! ...

VII - Da Minha Aldeia

Da minha aldeia veio quanto da terra
se pode ver no Universo... Por isso a
minha aldeia é tão grande como outra

terra qualquer Porque eu sou do
tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste
outeiro.

Na cidade as grandes casas
fecham a vista à chave, Escondem
o horizonte, empurram o nosso
olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos
tiram o que os nossos olhos nos
podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única
riqueza é ver.

VIII - Num Meio-Dia de Fim de Primavera

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.

No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se
tornar outra vez homem E
subir para a cruz, e estar
sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com
cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.

Com o primeiro fez que ninguém
soubesse que ele tinha fugido. Com o
segundo criou-se eternamente
humano e menino. Com o terceiro
criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no
céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.

Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas pelas estradas
Que vão em ranchos pela estradas
com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas
flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas

Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.

A Virgem Maria leva as tardes da
eternidade a fazer meia. E o
Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja
Católica.

Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou —
"Se é que ele as criou, do que duvido" —

"Ele diz, por exemplo, que os
seres cantam a sua glória, Mas
os seres não cantam nada.

Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres."

E depois, cansados de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

.....

..... Ele mora
comigo na minha casa a meio
do outeiro. Ele é a Eterna
Criança, o deus que faltava.

Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo
que eu sou poeta sempre, E que o
meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo
caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.
A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu
dedo apontando. O meu ouvido
atento alegremente a todos os
sons São as cócegas que ele me
faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos
as cinco pedrinhas No
degrau da porta de casa,
Graves como convém a um
deus e a um poeta, E como
se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um
grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das
cousas só dos homens E ele
sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso
falta àquela verdade Que uma
flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales,

E a fazer doer nos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

.....

..... Quando
eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus
para eu brincar Até
que nasça qualquer
dia
Que tu sabes qual é.

.....

..... Esta é
a história do meu Menino
Jesus. Por que razão que
se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os
filósofos pensam E
tudo quanto as
religiões ensinam?

IX - Sou um Guardador de Rebanhos

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus
pensamentos E os meus
pensamentos são todos
sensações. Penso com os
olhos e com os ouvidos E
com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo
deitado na realidade, Sei a
verdade e sou feliz.

X - Olá, Guardador de Rebanhos

"Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita coisa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."

XI - Aquela Senhora tem um Piano

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não
é o correr dos rios Nem o
murmúrio que as árvores
fazem ...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII - Os Pastores de Virgílio

Os pastores de Virgílio tocavam
avenas e outras cousas E
cantavam de amor literariamente.
(Depois — eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?)

Mas os pastores de Virgílio,
coitados, são Virgílio, E a
Natureza é bela e antiga.

XIII - Leve

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo.

XIV - Não me Importo com as Rimas

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais,
uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as
flores têm cor
Mas com menos perfeição no
meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade

divina

De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,

Comovo-me como a água corre
quando o chão é inclinado, E a
minha poesia é natural como o
levantar-se vento...

XV - As Quatro Canções

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou ...

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com
que não concordam ...
Estando doente devo pensar o
contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira ...
Devo ser todo doente — idéias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para

outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário ...

XVI - Quem me Dera

Quem me dera que a minha vida
fosse um carro de bois Que vem
a chiar, manhãzinha cedo, pela
estrada, E que para de onde veio
volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças —
tinha só que ter rodas ... A minha
velhice não tinha rugas nem cabelo
branco... Quando eu já não servia,
tiravam-me as rodas E eu ficava
virado e partido no fundo de um
barranco.

XVII - No meu Prato

No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...

E cortam-as e vêm à nossa mesa

E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem "Salada", descuidosos...,
Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras cousas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram
e o cimo dos montes Verde e
alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu...

XVIII - Quem me Dera que eu Fosse o Pó da Estrada

Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem
pisando...

Quem me dera que eu fosse os rios que
correm
E que as lavadeiras estivessem à minha
beira...

Quem me dera que eu fosse os
choupos à margem do rio E
tivesse só o céu por cima e a
água por baixo. . .

Quem me dera que eu fosse o burro do

moleiro

E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena ...

XIX - O Luar

O luar quando bate na relva
Não sei que coisa me lembra...
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas.
E de como Nossa Senhora vestida de
mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas ...

Se eu já não posso crer que isso é verdade,
Para que bate o luar na relva?

XX - O Tejo é mais Belo

O Tejo é mais belo que o rio que corre
pela minha aldeia, Mas o Tejo não é
mais belo que o rio que corre pela
minha aldeia Porque o Tejo não é o rio
que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêm em
tudo o que lá não está, A

memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha
aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no
que há para além Do rio
da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não
faz pensar em nada. Quem
está ao pé dele está só ao
pé dele.

XXI - Se Eu Pudesse

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe uma paladar,
Seria mais feliz um momento ...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz

Para se poder ser natural...

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a
infelicidade com a
felicidade Naturalmente,
como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva ...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer,
lembrar-se de que o dia morre, E
que o poente é belo e é bela a
noite que fica... Assim é e assim
seja ...

XXII - Num Dia de Verão

Como quem num dia de Verão
abre a porta de casa E espreita
para o calor dos campos com a
cara toda, Às vezes, de
repente, bate-me a Natureza
de chapa Na cara dos meus
sentidos,
E eu fico confuso,

perturbado, querendo
perceber Não sei bem como
nem o quê...

Mas quem me mandou a
mim querer perceber?
Quem me disse que havia
que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é

que é meu dever senti-lo... **XXIII -**

O meu Olhar

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta ...

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de
modo a ele ficar mais belo... (Mesmo se

nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol ...
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso...)

XXIV - O que Nós Vemos

O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma
cousa se houvesse outra? Por
que é que ver e ouvir seria
iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que
trazemos a alma vestida!), Isso
exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade
daquele convento De que os poetas
dizem que as estrelas são as freiras
eternas E as flores as penitentes

convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas
não são senão estrelas Nem
as flores senão flores.
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e
flores.

XXV - As Bolas de Sabão

As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a
Natureza,
Amigas dos olhos como as cousas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as
deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem
ser.

Algumas mal se vêem no ar lúcido.
São como a brisa que passa
e mal toca nas flores E que
só sabemos que passa
Porque qualquer cousa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente.

XXVI - Às Vezes

Às vezes, em dias deluz perfeita e exata,
Em que as cousas têm toda a
realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às cousas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer
cousa que não existe Que eu
dou às cousas em troca do
agrado que me dão. Não
significa nada.
Então por que digo eu das cousas: são
belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as
mentiras dos homens Perante
as cousas,
Perante as cousas que

simplesmente existem. Que

difícil ser próprio e não ver

senão o visível!

XXVII - Só a Natureza é Divina

Só a natureza é divina, e ela não é divina...

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar
da linguagem dos homens Que dá
personalidade às cousas,
E impõe nome às cousas.

Mas as cousas não têm nome
nem personalidade: Existem,
e o céu é grande a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho
fechado...

Bendito seja eu por tudo quanto sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o
sol.

XXVIII - Li Hoje

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.
Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos
dizem que as flores sentem E
dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram
cousas vivas, não eram pedras; E se os
rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são
flores e pedras e rios Para falar
dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos
rios,
É falar de si próprio e dos seus
falsos pensamentos. Graças a
Deus que as pedras são só
pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por
fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.

XXIX - Nem Sempre Sou Igual

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.

A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas
flores.

Por isso quando pareço não concordar
comigo,

Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente
sobre os mesmos pés — O
mesmo sempre, graças ao céu
e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma ...

XXX - Se Quiserem que Eu Tenha um Misticismo

Se quiserem que eu tenha um
misticismo, está bem, tenho-o. Sou
místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.

Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

XXXI - Se às Vezes Digo que as Flores Sorriem

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas
flores
E cantos no correr dos rios...
É porque assim faço mais sentir
aos homens falsos A existência
verdadeiramente real das flores
e dos rios.

Porque escrevo para eles me
lerem sacrifico-me às vezes À sua
estupidez de sentidos...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria,
um intérprete da Natureza, Porque
há homens que não percebem a
sua linguagem, Por ela não ser
linguagem nenhuma.

XXXII - Ontem à Tarde

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.

Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.

E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos
olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens
E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam como eu — não sofrerão.
Todo o mal do mundo vem de nos
importarmos uns com os outros, Quer
para fazer bem, quer para fazer mal.
A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)

Eu no que estava pensando
Quando o amigo de gente falava
(E isso me comoveu até às lágrimas),
Era em como o murmúrio
longínquo dos chocalhos A
esse entardecer
Não parecia os sinos duma
capela pequenina A que
fossem à missa as flores e

os regatos E as almas
simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com florir e ir correndo.
É essa a única missão no Mundo,
Essa — existir claramente,
E saber faze-lo sem pensar nisso.

E o homem calara-se, olhando o poente.
Mas que tem com o poente quem odeia e
ama?

XXXIII - Pobres das Flores

Pobres das flores dos canteiros
dos jardins regulares. Parecem
ter medo da polícia...
Mas tão boas que
florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso
antigo
Que tiveram para o primeiro
olhar do primeiro homem Que
as viu aparecidas e lhes tocou
levemente Para ver se elas
falavam...

XXXIV - Acho tão Natural que não se Pense

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é
de qualquer coisa Que tem
que ver com haver gente
que pensa ...

Que pensará o meu muro
da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto
até dar por mim A
perguntar-me cousas. . .
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé
dormente. . .

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das
pedras e plantas que tem? Se
ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos ...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

XXXV - O Luar

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI - Há Poetas que são Artistas

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas! ...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, corno
quem constrói um muro E ver se
está bem, e tirar se não está! ...
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a
mesma.

Penso nisto, não como quem pensa,
mas como quem respira, E olho para
as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem

Nem sei eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao solo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante
para adormecermos E não
termos sonhos no nosso
sono.

XXXVII - Como um Grande Borrão

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe
na tarde muito calma. Deve
ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII - Bendito seja o Mesmo Sol

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens
Porque todos os homens, um
momento no dia, o olham como eu, E,
nesse puro momento
Todo limpo e sensível
Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao homem verdadeiro e primitivo
Que via o Sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural — mais natural
Que adorar o ouro e Deus
E a arte e a moral ...

XXXIX - O Mistério das Causas

O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei
disso?

Sempre que olho para as coisas e penso no
que os homens pensam delas, Rio como um
regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas

E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que
parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos
aprenderam sozinhos: — As
cousas não têm significação: têm
existência.

As cousas são o único sentido oculto das
cousas.

XL - Passa uma Borboleta

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem
movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem
cor.

A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é
que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da
flor.

A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

XLI - No Entardecer

No entardecer dos dias

de Verão, às vezes, Ainda
que não haja brisa
nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...

Ah, os sentidos, os doentes
que vêem e ouvem!
Fôssemos nós como
devíamos ser
E não haveria em nós
necessidade de ilusão ...
Bastar-nos-ia sentir com
clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos ...

Mas graças a Deus que há
imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma
cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o
Mundo engraçado. Se não
houvesse imperfeição, havia uma
cousa a menos, E deve haver
muita coisa
Para termos muito que ver e ouvir. . .

XLII - Passou a Diligência

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela,
nem sequer mais feia. Assim é a
ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos;
passamos e esquecemos; E o
sol é sempre pontual todos os
dias.

XLIII - Antes o Vôo da Ave

Antes o vôo da ave, que passa e
não deixa rasto, Que a passagem
do animal, que fica lembrada no
chão. A ave passa e esquece, e
assim deve ser.

O animal, onde já não está e
por isso de nada serve, Mostra
que já esteve, o que não serve
para nada. A recordação é uma
traição à Natureza,
Porque a Natureza de
ontem não é Natureza. O
que foi não é nada, e
lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

XLIV - Acordo de Noite

Acordo de noite subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma coisa escura com
paredes vagamente brancas. Lá fora há
um sossego como se nada existisse.
Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena coisa de engrenagens que
está em cima da minha mesa Abafa toda a
existência da terra e do céu...
Quase que me perco a pensar o que isto
significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na
noite com os cantos da boca, Porque
a única coisa que o meu relógio
simboliza ou significa Enchendo com
a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite
enorme
Com a sua pequenez...

XLV - Um Renque de Árvores

Um renque de árvores lá longe, lá para a
encosta.
Mas o que é um renque de
árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não

são cousas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo
em ordem,

Que traçam linhas de cousa a cousa,
Que põem letreiros com nomes nas
árvores absolutamente reais, E
desenham paralelos de latitude e
longitude

Sobre a própria terra inocente e mais verde e
florida do que isso!

XLVI - Deste Modo ou Daquele Modo

Deste modo ou daquele modo.

Conforme calha ou não calha.

Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma
cousa feita de gestos, Como se
escrever fosse uma cousa que me
acontecesse Como dar-me o sol
de fora.

Procuro dizer o que sinto

Sem pensar em que o sinto.

Procuro encostar as palavras à idéia

E não precisar dum corredor

Do pensamento para as palavras

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,

Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem, Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.

E assim escrevo, ora bem ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer ora errando,

Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.

Sou o Descobridor da Natureza.

Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe vêem as pontas dos
dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

XLVII - Num Dia Excessivamente Nítido

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado
muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as
árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas
falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,

Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias.

A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII - Da Mais Alta Janela da Minha Casa

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a
Humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na
diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os terá?

Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os
frutos para as bocas. Rio, o
destino da minha água era não
ficar em mim. Submeto-me e
sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar
triste.

Ide, ide de mim!

Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua

água é sempre a que foi sua. Passo e
fico, como o Universo.

XLIX - Meto-me para Dentro

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas noites,
E a minha voz contente dá as boas noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,

O último olhar amigo dado ao
sossego das árvores, E
depois, fechada a janela, o
candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em
nada, nem dormir, Sentir a vida
correr por mim como um rio por
seu leito. E lá fora um grande
silêncio como um deus que
dorme.